

# TRÊS CRÔNICAS

Elisa Maria Pereira

## SOLIDÃO

Sùbitamente a solidão acordada.

A certeza de se saber sempre apenas si, numa tristeza serenamente antiga. E agora a presença violenta da ausência.

A necessidade de procurar algo além da ternura pela criança que passa ou da poesia de um cenário.

Buscar algo escondido em Bach, no trabalho rude dos homens num "papo de fila". A compreensão de que o escondido nos toca, crescendo num desejo.

Tentativa de sorrir para agradar a violência da vida. E então surpreender-se sorrindo para a própria amargura de se ver apenas expectador daquela violência que une.

Descobrir-se sem tranças, sem trilhos, sem trancas, livre para ir. Mas não ter nenhum onde. Ter unicamente o tempo passando e arranhando a gente e acordando a vontade de feri-lo também.

BH — junho - 66

## CHUVA-CHUVA-CHUVA

E chovia. As gôtas engravidando a terra. A fertilidade brotando em caramujos. Encaramujando-se o existir. A enxurrada fazendo carinhos violentos nas pedras do calçamento. A rua suportando melancólica a piedade da chuva. O homem

sùbitamente desejando chá. Um desejo pleno, afastando tudo. Só o corpo permanecera perto. Na submissão humilhante, conduzia guarda-chuva e seu êle através da espera que diminuía rápida. O corpo sentava-se fingindo independência, mas muito antes era o desejo de chá que se sentava.

A chavena exalava indiferença de porcelana.

Uma compreensão desesperada tomou o homem. Um saber pequeno se agigantando: o desejo era apenas total. Como poderia ser então de tomar chá.

Tinha sido uma mistificação que a monotonia da chuva insinuava.

A amargura, a amargura erguendo-se tateando o existir. Na espera o chá se tornara môrno, comedindo tédio.

O homem erguia-se, usando novamente o corpo que ia agora indistintamente animado.

Tão boa uma batida depois de outra, outra, outra...

Ibiá — 29-11-65

### ONTEM, HOJE, AMANHÃ...

Nadamando, soliberdade grandemais pra vivejar.

Solispensando no êle não sido. Soliseficando até o se finar. (O se tem fim?)

Mas hoje é pré-domingo: VIVA! (viva o quê?).

Amanhã-sendo, o ante comêço do recomêço. (de quê? os quês não sabem para quê).

Pré-domingo, noite, riso só. (onde estão as crianças?) Os coms do riso dormibrincaram.

Sàbadamente esperificam mulheres — casco claro, casco escuro — chopp-velório da tarde ex-que-sida (há muito).

Amanhã, a manhã nem saberá. (as manhãs nunca sabem). A singularidade ocultando o há descobrir. Quando fôr amanhã, insaberemos todos. È sempre um amanhã só.

Agora e o estar do muito escuro. Esvaifica-se o amanhã de ontem.

BH — 13-11-65